

Porque os agricultores não adotam as novas idéias?

(Texto preparado por Ademir de Lucas para uso na disciplina de Sociologia e Extensão).

1.-Introdução

O.U.Nitsch é um expert em metodologia do Serviço de Extensão Agrícola, com graduação na Universidade Agrária de Uppsala, Suécia. De seu estudo realizado para obtenção do título de M.S(Master of Science) na Universidade de Wisconsin (USA) tiramos as informações, que apresentamos de forma resumida (quem se interessar poderá ter maiores informações nos originais citados na bibliografia).

O autor estudou de forma especial os motivos pelos quais os agricultores, na maioria das vezes não adotam (ou adotam só em parte), as inovações que os extensionistas lhes propõe para melhorar a produtividade de suas propriedades.

Com a intenção de fazer algo útil para quem tem que planejar uma ação de informação e/ou capacitação para os agricultores, tiramos do trabalho de Nitsch, as conclusões de alguns autores do porque os agricultores não adotam as tecnologias propostas.

Os diferentes autores citados são pesquisadores que desenvolveram seus trabalhos em países "ocidentais", tais como: Irlanda, Austrália e Estados Unidos, e suas conclusões podem ser adaptadas a qualquer outro país onde haja contato entre extensionistas e agricultores.

2 -Porque os agricultores não adotam as inovações?

Em seu artigo publicado com o título de "*Limites e evolução da teoria sobre o modelo da adoção*" Agricultura e Comunicação, 1980, Nitsch escreve: "Houve uma tendência entre os pesquisadores no campo da divulgação agrícola de levar em consideração o processo da comunicação do ponto de vista da **fonte**, mais que o ponto de vista do **destinatário**". Quando os pesquisadores se deram conta disto, mudaram progressivamente sua atenção da pergunta " *Como e quando um indivíduo adota uma inovação?*" para a pergunta "*porque uma pessoa não adota uma inovação?*". E nesse momento os pesquisadores deram conta do fato que a simples informação não é suficiente para adoção de um novo método. Na literatura sobre pesquisa agrícola encontramos repetidas vezes que os conhecimentos de um indivíduo, suas atitudes e suas decisões são afetados por fatores (já existentes no mesmo, em sua situação ou no meio social que a rodeia) que não podem ser modificados por uma simples e pura difusão de informações. Fica claro que temos que levar em conta esses fatores quando queremos entender e explicar os motivos da falta de adoção de uma técnica e, sobretudo quando (em processos de mudança) se tratar de divulgar uma idéia ou um método que possa aumentar a produtividade das propriedades.

3 -As três explicações

Entre as várias explicações selecionamos três que tentam explicar a falta de adoção de uma nova idéia:

I) Mannion (1972), sugere que os fatores que impedem a adoção de inovação podem ser classificados como;

a) Limitações individuais: são as que atuam a nível individual do agricultor e incluem seus conhecimentos, suas atitudes, suas crenças, seus valores, sua experiência e seu comportamento.

b) Limitações ambientais: incluem os aspectos físicos das condições produtivas (clima, água, solo, tipos de cultivo ou criação etc...) o tamanho da propriedade, os recursos econômicos disponíveis, etc..., as estruturas de sua vizinhança e da comunidade, as regras, as normas e os padrões da comunidade que afetam o comportamento do indivíduo

c) -Limitações institucionais: são as que referem aos serviços de extensão e as demais organizações públicas ou privadas (Casa da Agricultura, Ematers cooperativas, bancos, empresas de assistência técnica) que estão relacionadas com o que afeta as decisões do agricultor.

II) Galjart (1971), encontrou três razões básicas do porque os agricultores não adotam uma técnica ou idéia: Ignorância, impotência e não disposição

a) Ignorância: o agricultor **não sabe** o que pode fazer além do que faz normalmente.

b) Impotência: o agricultor sabe o que poderia fazer, mas não o faz **por sentir que não pode** fazê-lo por razões econômicas ou outros motivos.

c) Não disposição: o agricultor sabe o que tem que fazer e pode objetivamente fazê-lo, mas **não quer fazê-lo** porque valores, ou atitudes, o impedem (outra forma de dizer isto, seria dizer que êle prefere perseguir outros valores, que são mais importantes para ele, que a produtividade).

III.- Tully(1968) diz que a informação sobre uma nova técnica não será utilizada, a menos que o agricultor a reconheça como:

a) importante para a sua condição;

b) um meio para conseguir seus objetivos pessoais;

c) esteja ao alcance de suas possibilidades (econômicas, de trabalho, etc.)

4.- A interação entre o extensionista e o agricultor

Nós perguntamos por que estas limitações, que parecem bastante óbvias, não são detectadas pelo extensionista e, como consequência, não as enfrenta e supera. A explicação mais convincente é esta, relatada por Tully(1969) citado por Nitsch:

Tully ao concluir sua pesquisa, diz que deveríamos considerar a interação entre extensionista e agricultores como uma interação entre membros de grupos **com distintas mentalidades, distintos valores, distintas atitudes e formas de pensamento a respeito dos problemas agrícolas**. Em outros termos, aos olhos de muitos agricultores, o extensionista continua sendo um "estranho" (e as idéias propostas pelos "estranhos" despertam pouca confiança). Os motivos averiguados por Tully a respeito, são os seguintes:

A) O extensionista não sofre pessoalmente as consequências de suas sugestões, não explora uma propriedade, não é responsável por suas ações diretamente para com o agricultor, e sim, somente com a sua Organização, enquanto que o agricultor tem a responsabilidade de sua propriedade, de sua família, sua comunidade e de si mesmo.

B) O extensionista tem conhecimentos científicos e dá suas sugestões baseado em dados experimentais e cálculos econômicos. O agricultor médio, ao contrário, não tem noções científicas e conhece muito pouco de economia. Ele forma seu juízo sobre uma nova idéia, somente com base em sua própria experiência e em suas condições reais; além disso, são muito importantes para ele, as opiniões e experiências de seus vizinhos e das pessoas a quem ele respeita, dentro de seu meio e de sua comunidade.

C) O extensionista, muitas vezes, tira as suas informações de textos e documentos que se referem a pesquisas realizadas em situações geográficas, climáticas, econômicas e sociais que não coincidem com as que se encontra no agricultor: entretanto o agricultor "em mudança" quer saber como a informação pode ter relação com ele, em todos os aspectos, ou seja, como responde aos seus interesses, às suas conveniências de trabalho, segurança, independência, e como responde às opiniões dos integrantes de sua família, e se está de acordo com os seus recursos.

Acontece que a maioria dos técnicos adota sistemas que ignoram esses fatores. Os extensionistas trabalham, sobretudo com os agricultores mais interessados em colaborar, ou seja, com aqueles que têm uma forma de ver o trabalho semelhante à do extensionista. Benvenuti (1966) nos dá uma descrição desta situação: "Nós extensionistas, temos nossos clientes fixos não porque o restante da população não quisesse receber conselhos, ou porque não os necessitava, e sim porque nos encontrávamos mais perto dos primeiros que dos segundos. Nossos clientes eram os únicos agricultores que nos davam a segurança de que nossas instruções científicas iam ser compreendidas e adotadas, em suas linhas principais, porque para nós era mais fácil entendermo-nos com estes...Nós e nosso mundo, não éramos estranhos para eles e eles e seu mundo estavam mais perto de nós que os demais produtores".

Rogers e Shoemaker (1971) afirmam que todas as análises demonstram que os extensionistas têm mais contato com os agricultores de condição mais elevada.

5.- Conclusão

Nitsch conclui: " As campanhas de divulgação muitas vezes fracassam por que os extensionistas estão mais orientados para a inovação que para o "agricultor", portanto os extensionistas que, antes de iniciar uma ação de treinamento, levam em consideração estas observações, advindas das pesquisas realizadas por sociólogos rurais, poderão utilizar de forma mais eficaz e produtiva os recursos a eles confiados, em benefício de seus agricultores, de sua reputação e seriedade profissional, do prestígio de sua organização e do futuro do país.

Bibliografia

O.U.Nitch -*Limits and evolution of the adoption model theory*, Universidade de Uppsala, Suécia, 1980.

Bruno Benvenuti -*Farming in cultural change*, Assen: Gorcum and Company, N.Y., 1966

Benno Galjart -*Rural Development and Sociological Concepts: A critique*, Rural Sociology, 1971, 36:1, p34-4

P.J. Mannion -*Analysis of procedures used in program Development with Disadvantaged Communities in Ireland*. Unpublished Doctor's Thesis, Wisconsin, Madison, 1972.

Everett M. Rogers & Floyd Shoemaker -*Communication of Inovações*, N.Y. The Free Press, 1971.

Joan Tully - *Towards a Sociological Theory for Extension*, Human Relations, 1969, 19:4,p391-403.

Joan Tully -*Farmer's Problems of Behavioral Change*, Human Relations, 1968, 21:4,p373-373.